

TERÇA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 1925

Reacção conservadora?

Tem corrido insistentemente o boato, que não sabemos se tem grande fundamento, de que vários elementos conservadores preparam uma nova insurreição, para levar a cabo uma reacção eficaz contra o espírito democrático que se tem esboçado últimamente no P. R. P. Pretende-se intervir revolucionariamente, fazendo ditadura contra as ideias mais progressivas, mesmo que estas se reduzam a aspirações de ordem política.

Não podemos deixar de condenar uma tal tentativa. Em primeiro lugar porque a perturbação da vida social, que qualquer movimento armado produz, no actual momento não pode ter, mesmo que fosse bem intencionado, consequências desastrosas para a economia do país. Em segundo lugar porque nós próprios estamos em causa. Sabemos muito bem as violências, os abusos, as prepotências que virão a exercer-se sobre todos aqueles que pretendem manter uma linha de independência e tentarem esboçar o mais pequeno protesto, o qual nós de forma nenhuma calariam.

Estes movimentos prejudicam também as próprias instituições. Pouco a pouco as regalias e liberdades conquistadas em 5 de Outubro vão desaparecendo tódas. Da República quase já não resta nada. E assim poderá chegar um momento em que já não fará nenhuma diferença o restabelecer o regime monárquico.

A responsabilidade de tódas estas tentativas reacionárias têm-na os políticos. Com as suas lutas, as suas dissensões têm preparado o ambiente favorável a tódas as perturbações. A monarquia morreu à mão dos monárquicos e na República só os republicanos que se têm encarregado de deturpar e inutilizar o espírito democrático de algumas das suas aspirações.

Antes da República se proclamaram os republicanos que ela era um primeiro passo, que continuaria a marchar para a frente. E que temos visto? Todos os meses a República recua um pouco mais. Parecem apostados os republicanos em a fazer o mais parecido com a monarquia.

Vai dar-se uma nova tentativa conservadora? Chega isso quase a ser indiferente. Sob o ponto de vista da liberdade e da segurança dos direitos individuais, pouco mais temos que perder.

A REVOLTA NA CHINA

Um apelo do operariado chinês aos seus camaradas de todo o mundo

A Federação das organizações operárias da China publicou um apelo dirigido ao proletariado de todo o mundo, para que a apoie, e auxilie fraternalmente na luta contra o inimigo comum.

O Imperialismo internacional, diz esse apelo, irritado pelos recentes acontecimentos, pelas vitórias do governo de Cantão, pelo desenvolvimento do movimento dos estudantes, pela revivescência da actividade dos ferrovários, e pela formação da Federação Operária da China, decidiu esmagar o movimento pela fôrça.

As greves de Xangai são a resposta dos operários a este propósito imperialista.

Numa onda de protestos, os ferrovários ingleses, a Federação Chinesa Ferroviária diz que receberia cordialmente uma delegação das organizações inglesas.

O envio dum tal delegação seria o melhor método de estabelecer relações fraternais entre as classes operárias dos dois países. Ao mesmo tempo, expõe-se hiam as mentiras da imprensa imperialista, que descreve o movimento revolucionário chinês como uma simples agitação contra os estrangeiros.

O governo norte-americano quer intervir como "medianteiro".

Confirma-se que o governo americano está resolvido a convocar imediatamente uma conferência de todas as potências, tendo interesses na China.

Esta conferência terá principalmente por fim estudar as modalidades da abolição de certos privilégios de que gozam as potências chinesas.

O governo americano entende que se deve conceder à China uma "independência completa", mas que as medidas para este fim devem ser tomadas gradualmente. A primeira etapa do plano de reformas não seria realizada senão depois do governo de Pequim ter provado que era capaz de substituir as autoridades estrangeiras para assegurar a protecção da vida e dos bens dos cidadãos estrangeiros residentes na China.

Estas declarações comprovam que a intervenção da América na grave questão chinesa é feita simplesmente com o fim de enfraquecer o movimento actual com falsas e falsas promessas, que jamais se chegarão a realizar, como é costume.

ÁMANHÃ é posto à venda o 2.º número de RENOVAÇÃO

a revista gráfica quinzenal de novos horizontes sociais editada pela Secção Editorial de A BATALHA

SUMÁRIO

O preconceito da virgindade (com gravura). Os Santos Revoltados, por Rocha Martins: Não matarás, com ilustrações de Rocha Vieira. Os artistas e o Trabalho (com gravuras). O compadre Sapo, conto para crianças por Maria Sotto-Mayor e Abreu. Os Soterrados, novela social de Eduardo Frias. Actualidades: Azedo Gnecco; O centenário da primeira locomotiva; Morte do militante sindicalista francês Aménée Bourquet; A execução de três operários acusados de participantes no atentado da catedral de Sofia. O mundo curioso. Capa: Desenho e concepção de Stuart Carvalhalis. Hors-texte: Anoitecer.

16 páginas de texto com 19 gravuras, capa a três cores e um "hors-texte", preço 1\$50

Notas & Comentários

Sepultura humana

Aquela sepultura humana que é a mina de Aljustrel raro é o mês que não nos fornece assunto para triste notícia. Há bem pouco tempo, como então nos fizemos é, um moço de 25 anos ficou sob os escombros dessa macabra mina, no mesmo local onde anos antes seu progenitor encontrou a sepultura. E hoje é também um jovem mineiro, da mesma idade que d'á motivo aos nossos comentários. Encontrou o infeliz a morte quando trabalhava num pêco. Foi um pesado madeiro que lhe caiu em cima da cabeça produzindo-lhe morte instantânea.

E o que é mais revoltante, além do desprazer pela vida humana, é que a empresa exploradora prepara-se para não pagar aos pais do infeliz o que a lei sobre acidentes no trabalho establece.

Quando será que a empresa das minas respeitará a vida dos mineiros?

Deportações

O actual ministro da pasta dos Estrangeiros concedeu a um jornal da tarde uma entrevista sobre o destino de 70 portugueses para Clevelandia, acusados de afeitos aos revoltosos de São Paulo. Por ela se verifica que o governo português recebeu desagradavelmente as deportações, tendo telegrafado ao dr. Duarte Leite, embaixador no Brasil, no sentido de que terminasse essa arbitrária medida. Achamos perfeitamente legítimas as medidas adoptadas pelo governo português. E julgamo-las tão assassinas quanto é certo não compreendermos como se pode protestar contra uma medida, precisamente igual àquele antecessor deste governo adoptou para enviar para o Guiné e Cabo Verde 46 operários. E não nos parece que o governo que protesta contra as deportações para Clevelandia tenha pena de fazer terminar as deportações para Cabo Verde e Guiné.

Cogumeiros e revolucionários

O leitor sabe o que são cogumeiros? Não sabe?

São umas plantas parecidas com os revolucionários civis, que surgem por toda a parte e por onde menos se espera.

Oráculo:

Numa local que O Século de ontem inseriu dava-se nota de cinco listas de pretendentes ao reconhecimento da qualidade de revolucionários civis, às quais a comissão de petições, no Senado, deu parecer favorável.

Perdido na lista nº 3, o nome de Manuel Alves Valente de Almeida.

Pesso que o conhece e que merece a nossa confiança diz-nos desse candidato a revolucionário civil, reconhecido pelo congresso da república, o que segue:

Na revolução que serviu a implantar a república, salvo melhor informação, era

desconectado em Lisboa.

Na de 14 de Maio não tomou parte, segundo ele próprio o disse, tendo-se dedicado a, depois dela, impingir listas do partido democrático para as eleições.

A escalada de Monsanto não podia ter comparecido por estar preso por suspeita de furto, o que sucede a qualquer.

Quando do desarmamento da polícia estava ainda na mesma situação.

Por ocasião do incêndio no Limoiro, apareceu no Campo de Santa Clara a saber se deles queriam qualquer serviço.

E aqui está um galopim eleitoral transformado em artílheiro civil e em vias de como tal ser reconhecido pelo poder legislativo.

E como éste quantos haverá?

Dissemos que os revolucionários civis são parecidos com os cogumeiros, mas errámos.

Os cogumeiros de pouco vivem. Os revolucionários civis são, geralmente, seres de muito alimento...

Um mostrengão

Temos sobre a nossa mesa de trabalho duas cartas, uma da Associação dos Sapateiros Bejense, outra de António Jacinto Pires. Tratam ambas dum caso de necrofilia praticado em Beja, que indignou vivamente os que dele tiveram conhecimento. Segundo aquelas missivas, o autor da fachada um serviço do hospital civil daquela cidade, há tempos que vinha tentando seduzir uma tuberculosa ali internada. Como sempre se recusasse, o mostrengão quando a sua vítima morreu, alta noite assaltou a casa mortuária e saciou os seus apetites sexuais no cadáver da infeliz que se chamava Angelina Moedas.

Esta monstruosidade dá bem a nota dos sentimentos dum bruto, produto desta sociedade que o alimenta com os seus vícios e as suas luxurias.

Amizade franco-espanhola

Sessão comemorativa

Promovida pelo Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, no salão da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, uma sessão comemorativa da tomada da Bastilha, pelo povo de Paris, em 14 de Julho de 1789.

Usarão da palavra delegados da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, C. G. T., e Federação Anarquista da Região Central.

Na Inglaterra vai declarar-se uma greve mineira

LONDRES, 11.—A pesar da intervenção de Bridgeman, que em nome do governo procurou regular a arbitragem do conflito mineiro, a resposta à pregunta que inquieta actualmente todo o povo inglês: «Haverá ou não no fim deste mês uma greve geral mineira?» só poderá ser dada quando finalizar o congresso geral dos sindicatos mineiros, congresso que só hoje começou os seus trabalhos.

As represálias do povo que a Bastilha fulminara por traição, caíram sobre o governador de Launay e sobre o preboste dos mercadores Flesselles, certamente cúmplices da corte que tinha iludido os combatentes prometendo-lhes espingardas e fazendo-lhes chegar as «não apenas caixas cheias de roupa».

De Launay, a-pesar dos esforços heróicos de Hulin, foi prostrado nos degraus da casa da Câmara, e ao preboste Flesselles esmigalharam-lhe a cabeça com um tiro de pistola quando era conduzido ao Palácio Royal para ser julgado.

A falar a verdade, estas execuções eram quase uma seqüência da batalha e ninguém se poderá admirar da explosão de cólera destas multidões, apenas livre do perigo e,

Recebidos por Bridgeman, os delegados operários recusaram aceitar as propostas patronais

A CENSURA CONTRA "A BATALHA"

O procedimento dos políticos que devoram a república flagelado por um republicano que contribuiu para a sua fundação

A Batalha continua ainda submetida ao iniquo regime da censura. Contra esse regime excepcional visto que só contra o nosso jornal é aplicado, já aqui dissemos frequentemente as razões do nosso protesto e da nossa indignação. Achamos preferível transcrever as razões de João Chagas, o vigoroso panfletário demolidor da monarquia. Publicámos um artigo desse republicano infinitamente superior aos assinados devoristas da república, flagelando as apreensões. Hoje transcrevemos o que segue e que flagela implacavelmente a censura. Escrito em fevereiro de 1906 no Janteto do Pôrto é uma flagrante actualidade por aí doutrina condemnar o gesto abusivo dos que nos pretem amor da censura:

Já as leis de imprensa não são compatíveis com os regimes livres. As leis de imprensa visam a punir os delitos de pensamento e não há delitos de pensamento, visto que nunca foi um delito exprimir opiniões, sejam de que natureza for. Tudo o que na imprensa não é da jurisdição da imprensa é da tutela. No entanto que a censura é a tutela.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

Muitas vezes esperámos a prisão. Pois bem! Isto não nos desapossa do sentimento de liberdade, porque as leis, os tribunais, as penas são ainda a responsabilidade, enquanto que a censura é a tutela.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

Muitas vezes esperámos a prisão. Pois bem! Isto não nos desapossa do sentimento de liberdade, porque as leis, os tribunais, as penas são ainda a responsabilidade, enquanto que a censura é a tutela.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

Muitas vezes esperámos a prisão. Pois bem! Isto não nos desapossa do sentimento de liberdade, porque as leis, os tribunais, as penas são ainda a responsabilidade, enquanto que a censura é a tutela.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um acto de opressão — É a mão no peço. Devemos muitas vezes afrontar leis despóticas e juizes parciais.

No decurso da minha carreira de jornalista fui algumas vezes submetido a essa tutela e posso depôr em como foram esses os piores quartos de hora da minha vida. Os julgamentos de imprensa e outras incómodas consequências dos meus actos de escritor, nunca feriram o meu orgulho. A censura humilhou-me. Nenhum acto da opressão dos poderes é mais vexatório, porque nenhum nos despoja mais directamente da liberdade. A censura em rigor, não é um

A CONFERÊNCIA DE GENEBA

O problema do trabalho
não pode ser resolvido
pelos representantes de Es-
tados burgueses e capitalistas

Os jornais publicaram numerosas informações do Congresso Internacional do Trabalho, reunido na sede da Liga das Nações em Genebra. Muitas teses mereceram exame e discussão, e de envolta com o debate de estúpidas normas, que se pretendem instituir mas já estúpidas legislações, fizermos criticas às organizações operárias de vários países. O Congresso transformou-se, por esse modo, em corporação de função política, em sentido que parece estranho aos seus objectivos. Não sabemos se foi examinada alguma proposta tendente a esclarecer se cabia nos objectivos dessa reunião de Estados, ocuparem-se os delegados da vida interna das organizações operárias das demais nações, e se de futuro será mantida essa iniciativa, como função regular e regulamentar. Prescindimos de comentar mais largamente essa atitude, que importa em emprestar carácter político imitado a assembleias de nações, e que require que se altere a denominação dessas conferências, dando-lhe a extensão correspondente à sua nova prerrogativa.

O facto não é destrita importância. Admitida essa inovação nos Congressos internacionais, haverá ao lado dos estudos de questões de princípios e de ordem social, ou internacional, o debate das questões que se desenvolvem "infra-muros", nos diversos agrupamentos operários. Serão transformados os Congressos de Estados em uma espécie de assembleias federativa, de República mundial. Como a estúpida tradição ensina que as leis começam pelos costumes, seria útil saber se passará a categoria de praxes, e de lei o aludido exercício de critica verificado naquele Congresso.

Dirão os espíritos tacaninhos que a assembleia última de Genebra tendo por fim a construção da ordem social, mediante a regulamentação do trabalho, não exorbitou penetrando no exame da situação das organizações operárias dos diferentes países ali representados, em relação com as questões ventiladas. A ordem social, sob o aspecto económico, e justificaria a critica referida?

A suposta organização do trabalho, que é objecto dos Congressos internacionais que se vêm sucessivamente efectuando, é uma questão fundamental da civilização contemporânea, dela dependendo não só a harmonia que se representa na ordem social, mas também a própria vitalidade da massa trabalhadora. Com as injustiças da vida moderna, criadas pelas indústrias e pelo capitalismo, pelo facto do valor e actividade individuais, a existência fisiológica das colectividades precisa de novas normas reguladoras, que "tenham em conta tudo o que existe de novo nos detalhes das relações dos indivíduos". Não há missão mais árdua do que descobrir, formular e aplicar os princípios que as presidem e apenas o sindicalismo dispõe todos os seus esforços para realizar, o que se alguma mais acertado ao bem geral. O interesse desse trabalho, foca a todos, a pesar, por vezes, das aparições contrárias.

A tarefa pois desses legisladores internacionais, congregados para tomar em irrisórias resoluções consonantes com as necessidades de todos os países é não só inutil como nociva às classes proletárias. É um esforço cuja vantagem se desconhece.

Obra lenta e que reclama atenção contínua e constante do operariado, a organização do trabalho não pode ser resolvida por capitalistas e por burgueses.

O "Paraíso" fascista

ROMA, 11.—Os deputados liberais, Viola e Bavarro, ex-combatentes, foram vítimas à sua chegada à Barri, dum maniféstio hospital por parte dos fascistas desta cidade.

Na estação, a pesar da vigilância da força pública, os fascistas conseguiram penetrar no cais e agrediram à bengalada os dois deputados que com grande custo se refiguraram num vagão.

Em Lecce, os fascistas tornaram a manifestar-se hostilmente contra os dois liberais, mas dum maneira menos violenta.

Forte de Monsanto

Desumanidades cometidas contra os presos

Quixaram-se-nos os presos do forte de Monsanto de mal trato por parte dos guardas, um dos quais, nos dizem, agrediu um preso no dia 19, sendo encerrados 53 outros, que protestaram, numa prisão condenada por inabitável, e da qual muitos saíram doentes.

Lamentam que o director geral não vá ali mais a miude para ouvi-los, e reclamam a sua presença.

EDEN TEATRO

Tel. R. 3800

EMPRESA CONCEIÇÃO SILVA

Direcção artística de HENRIQUE SANTANA

A cidade onde a gente se aborrece

Fantasia de grande espectáculo em 2 actos 18 quadros de André Brun—Música de Nicollino Milano e Alves Coelho

Os competores por Almeida e Duarte Silveira—A maria negra-rica, por Teresa Domingos—O legado cár de rosa, por Maria de Oliveira—O leão cár de rosa, por Maria de Oliveira—Os estetas, por Alice Odjane e Mário Reis—O polícia do jazz-band, por Soares Correia—O Martaquinha, por Mário Reis—O claque, por Arthur Rodrigues—O salas, por Jorge Holmboe—O claque, por Brásio Gondro.

Optimo desempenho dos restantes artistas e dos bailarinos

GYNETTE e ADELPHI

Lindíssimos scénarios Guarda-roupa de bom gosto Efeitos de luz modernos Espetáculo grupo de bailarinas Magnífico corpo coral

RESUMINDO:
Um espetáculo europeu

As perse-
guições

Uma carta dum deportado

O Tanotero, órgão da Federação Nacional dos Operários de Tanoria, publica uma comovente carta do deportado Fausto Teixeira, secretário administrativo da referida Federação, e dirigida a um dos seus membros. Foi escrita a bordo do "Carvalho Araújo" e diz-nos das violências que aquele e outros operários foram vítimas, razão porque nos permitimos transcrevê-la;

Escrivo verdadeiramente revoltado perante a consumação de tão horrendo crime. Nunca julguei que se praticasse infâmia tão monstruosa. Outrora, quando neste país existia a pena de morte, facilitavam ao condenado a sua última vontade, deixando-o momentos antes, goso a ventura de acarinar os seus entes queridos, dando-lhes uma suprema felicidade de moribundo, o seu último olhar, o seu último sorriso.

Hoje os novos carrascos, dizendo-se representantes de uma sociedade mais justa e humana, atraçam flagrantemente com suas indígnas ações, negando às suas vítimas o direito de se despedirem daqueles que por natureza são pedaços da sua alma, sangue do seu sangue.

E' verdade, arrebataram-me violentamente de casa, quando descansava ainda do sofrimento físico originado pela minha recente e iniqua detenção.

Sem atender ao meu combalido estado de saúde, atiraram-me para um imundo cabouco onde estive numa incomunicabilidade rigorosíssima — de sentinelha à vista — tal qual um facinor, e fui altas horas da noite atirado juntamente com meus compaixeiros de infiúto para um navio que imediatamente se pôs em marcha não sabendo eu, após 3 dias de viagem, qual o seu destino.

Porém vejo que não é com lamentos que ir regularizo a minha situação. E conhecendo a gravidade da mesma, trato de pôr o pensamento em ordem, encenho-me da coragem necessária para enfrentar esta iniquidade e porventura outras que lhe sucedam. Tenho que me resignar. Se sofro mais é por saber o sofrimento da minha família.

Coitados, bem sabem que eu não sou culpado desta situação. Sabem que eu não sou um criminoso e a provar isso está... (aqui a censura cortou 4 linhas que se não compreende). Pego-te para falar com o Tavares Adão, dizendo-lhe que eu lhe escreverei quando chegar ao meu destino, pois estou fazendo um enorme sacrifício escrevendo esta carta derivado ao enjôo que é natural em criaturas dadas à passar desta forma.

Todos nós vimos incomodadíssimos a ponto de João Fernandes Pinto ter feito duas tentativas para se atirar à água. Enfim, a natureza é vária e disse-me agora um sargento que a vida é um parafuso.

Calcula que nem nos autorizaram que trouxessemos roupa, tendo os marinheiros — que sempre nos têm tratado muito bem, — emprestado alguma, enquanto nós lavamos a unica que fizemos.

Recomenda-me a todos os nossos compaixeiros de trabalho.

Humanidade policial

Os presos no calabouço n.º 6 do governo civil reclamam contra a falta de assistência médica, pois os enfermeiros limitam-se a fazer alguns curativos, não levando aqueles que se encontram enfermos a preseça dos facultativos.

A vida humana merece um pouco mais de respeito, cremos.

Política francesa

Painlevé consegue ver votado o orçamento do seu governo

PARIS, 13.—A câmara dos deputados e o senado contínuaram durante o dia de ontem, prorrogando-se a sessão pela noite fora, a discussão do orçamento de 1925.

A supressão do imposto sobre as transacções do comércio de géneros alimentícios, proposta pelos socialistas e rejeitada pelo senado, provocou a apresentação na câmara da questão de confiança pelo sr. Painlevé, a qual lhe foi ratificada por 325 contra 245 votos, dos socialistas e radicais-socialistas.

Os incidentes ocorridos durante os debates levaram os srs. Millies Lacroix e Vincent Auriol, presidentes das comissões de finanças do senado e da câmara dos deputados, respectivamente, a apresentar a sua demissão.

O orçamento foi votado às seis da manhã em sessão conjunta das duas câmaras, que em seguida adiaram os seus trabalhos, em gôso de férias de verão.

Agressão misteriosa

A sala das observações recolheu, em estado grave, depois de operado no Banco pelos drs. Sabino Pereira, Américo Durão e Mário Conde, José Lourenço Coelho, de 17 anos, jornaleiro, natural de Boliqueime e ali residente no sítio da Estrela do Monte, onde foi ferido com um tiro no ventre, não sabendo, segundo disse, de onde ele partiu, tendo morrido já.

ARMAS DE FCGO

Um desastre mortal

No lugar do Outeiro, próximo de Obidos, estava ontem examinando uma pistola, José Platino, jornaleiro, encontrando-se junto dele o trabalhador José Bernardino, de 18 anos, ali residente, quando inesperadamente aarma se disparou, indo o projétil atingir no ventre o José Bernardino. Depois de recebidos em Obidos os primeiros socorros veio para Lisboa, onde, num auto da Cruz Vermelha em cujo Banco foi pensado, recolhendo em seguida à Sala de Observações, morrendo horas depois.

FERIDO EM ESTADO GRAVE

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, deu entrada Vicente Gomes, de côn., de 22 anos, chauffeur de bordo, natural de Mossamedes, sem residência certa e que foi encontrado caído no Corpo Santo.

Apresenta ferimentos no queixo e rosto e derramamento de sangue no ouvido direito e não sabe explicar se foi vítima de agressão ou queda.

A agitação na China

A Grã-Bretanha concede... para exigir

PEKIM, 13.—Um grupo de soldados da guarnição de Cantão assaltou a missão presbiteriana inglesa, ferindo os missionários que tiveram de fugir para Swatow.

LONDRES, 13.—O governo inglês pronunciou-se a submeter à apreciação dum tribunal neutro os incidentes com os seus subditos sucedidos em Xangai.

CANTÃO, 13.—O consul britânico protestou juntamente das autoridades chinesas contra o assalto de que foi alvo a missão presbiteriana, exigindo a apresentação de desculpas e o castigo dos culpados.

A luta contra o capitalismo, internacional não terminará

CANTÃO, 13.—A cidade mantém-se em sogoco, mas prevêem-se novos ataques dos estrangeiros, em consequência da afixação de cartazes feita em toda a cidade, nos quais estão pintados vários assassinos de chineses por soldados indianos.

Supõe-se que tal cartazes têm por fim incitar a população à violência.

Contra a Rússia unem-se três colossos

LONDRES, 13.—O "Daily Express" diz saber que se efectuou em Tokio a assinatura dum tratado secreto entre a Inglaterra, o Japão e os Estados Unidos para a manutenção dum fronte única destinada a combater a influência da Rússia soviética na China e em todo o Extremo-Oriente.

Vão recomeçar as negociações com a china?

PEKIM, 13.—O ministro dos negócios estrangeiros pediu ao corpo diplomático para renovar as suas negociações sobre os incidentes de Xangai.

Um golpe de Estado?

Os boatos dum nova revolução de carácter conservador começaram a fervilhar ao princípio da noite de domingo, afirmando que o movimento era organizado pela facção reformista da qual é chefe o sr. José E. Dias Ferreira e anicos os elementos que com este político foram presos há semanas na Alameda de Alges.

Houve as habituais prevenções e a polícia fez uma rinha por toda a cidade que não deu o resultado desejado.

Há quem não acredite em tal movimento, porquanto os reformistas não dispõem de elementos suficientes para uma revolução, eis que osunistas alegam que se trata de um "truc" posto em prática pelo governo para conseguir das outras facções políticas um apoio, visto estar ameaçada a ordem.

AVENIDA

Atrair habilmente o público é fácil; contentá-lo não é muito difícil, mas obrigar-lhe a voltar a ver o mesmo espetáculo, por melhor que él seja, é que está a dificuldade.

No entanto, é o que está sucedendo todas as noites teatro, em que toda a gente se não fatiga de aplaudir as scenas desta interessante peça.

Conheci o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnífico "Mapa do Brasil e Guia do Asturiano", o mais completo das cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço Esc. 250, pelo correio Esc. 350. Pedidos à Livraria Popular de Francisco Franco — 30, T. S. Domingos, 34.

OS QUE MORREM

Adelino Afonso de Oliveira

Vitimado pela tuberculose, faleceu na madrugada de anteontem, o nosso camarada do "Século" sr. Adelino Afonso de Oliveira, filho do falecido operário arsenalista sr. Joaquim de Oliveira.

Profissional diligente e concencioso, mereceu as simpatias de todos os seus colegas.

2.—Desenvolver, fora de toda a escola política ou doutrina religiosa, a capacidade do operário para a sua defesa, e o seu desapego ao salário e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.—Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mutua numa comunhão inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

O futuro de Portugal...

Os representantes dos interesses económicos de Angola, depois de cumprimentarem os srs. ministros das Colónias e das Finanças, tiveram com os referidos ministros uma larga conferência, sobre assuntos de fomento e de financiamento respeitantes àquela colónia.

Registamos

Foi ontem preso, de tarde, na rua de Santo António, à Estrela, perto de casa, Alberto Gervásio, que ainda anteontem tinha vindo de cedência por ter jogado o sócio com um sujeito de nome Germano, em virtude de, segundo nos dizem, este o ter há tempos apontado à polícia como legionário vermelho, do qual resultara a sua prisão, tendo sido pôsto em liberdade por não contra ele ter sido provado.

Quando da sua segunda prisão, alguns polícias foram de opinião que o Alberto, se o Germano tentasse alguma cosa contra ele, lhe devia vir para cima.

Foi talvez esperando isso que o prendeu a terceira vez, para evitar que ele fosse para cima do Germano, que se dá muito bem com polícias cívicos vários.

E' possível que o Alberto Gervásio não seja um santo, mas isso não nos impede de registrar a curiosa marcha do cadastro que a polícia lhe vai fazendo.

Navegação

Vai ser publicado um aviso aos navegantes, com a cópia da nota enviada ao ministro da Marinha, pelos governos francês e espanhol, sobre a entrada, saída e permanência dos navios estrangeiros nos portos de Marrocos que fazem parte das zonas daquelas duas nações.

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS EM ESPANHOL

Rodolfo Recher

Artistas y Rebeldes..... 1300

Bolshevismo y anarquismo..... 1350

La Crise do anarquismo..... 1350

José Tarrós-La Revolucion..... 1350

Leão O. Zeno-Pro

MARCO POSTAL

Pórtico.—Escola Dramática da C. Civil. Seguiu obra pedida, importa em 35\$20, as obras no gênero que temos à venda, vêm mencionadas no Serviço de Livraria.

Beja.—Procurem a Renovação no agente de A Batalha, porque se encontra ali à venda.

Covilhã.—M. Santos Luís.—Acabamos de receber da C. G. T. o vosso cheque. De futuro envie directamente para a administração de A Batalha a fim de evitar atrito.

S. Brás do Alportel.—Ass. C. Civil: Inscrevemos o novo assinante. Para regular o novo envio-nos os 20\$00 que estão em vosso poder.

Gradiol.—A. Sousa.—A Batalha do dia 10, foi impedida de circular pela polícia.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	11	18	25	HORAS SOL
D.	12	19	26	Aparece às 5,23
S.	13	20	27	Desaparece às 20,02
T.	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	15	22	29	C. dia 18 8,13 L. C. dia 19 3,33 O. M. dia 20 2,40 S. dia 21 2,28
Q.	16	23	30	
S.	17	24	31	

MARES DE HOJE

Fria mar às 9,46 e às 10,21

Baixamar às 2,44 e às 3,16

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional—A's 21,30—Tio de minhaha.
Portuguesa—A's 21,30—O Leão da Escuras.
Espanhol—A's 21,30—A Mulher Fatal.
Apollo—A's 21,30—A Severe (opeara).
Trindade—A's 21,30—Elisa Pátria.
Câmara—A's 21,30—A cidade onde a gente se abriga.

Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,15—Retaplan.
Juvenal—A's 21,30—irmãs e a Cidadela.
Salto—A's 20,30—Variedades.

1. Vicente (a Graça)—A's 20—Animação gráfica.

Irenio Pinto—Tocas as noites—Concertos e ilustrações.

CINEMAS

Olimpia—Chico Terrasse—Salão Central—Cinema Condor—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora—Educação Popular—Cine Paris—Cine Estrela—Chatelet—Tivoli—Tortoise.

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

CALÇADO BARATO
SÓ VENDE
O
CANDEIAS
Intendente

Calçado Feminino | Calçado Senhora
Botas de vela branca... 35\$00 Sapatos calç... 45\$00
Botas de vela branca de 1.º 45\$00 Sapatos calç... 65\$00
Botas calç preto 55\$00 Sapatos calç... 65\$00
Botas calç preto de 1.º 55\$00 Sapatos verniz... 65\$00
Botas calç calç... 75\$00 Sapatos verniz... 75\$00
Botas calç... 85\$00 Salto sola... 65\$00
Betas calç... 85\$00 Salto sandália... 65\$00
Betas calç... 85\$00 Salto sandália... 65\$00
Betas calç... 85\$00 Salto... 65\$00
Betas calç... 95\$00 Salto verniz... 65\$00
Betas calç... 95\$00 Salto raso... 65\$00
Betas calç... 95\$00 Salto raso... 65\$00
Comprido sortimento em calçado mecânico marca "Elite". Botas verniz causas fantasia. Botas preta ou cós, tanto em fôrma americana como fôrma da moda.

Menstruação
Aparece rapidamente
tomando o
FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança. R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

CLÍNICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1.º
TELESCORE E. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Sais DERMOXA

Curam todas as dores e males dos pés

INCHAÇÃO ENTORPECIMENTO

QUEIMADURAS

CALOS FRIERAS DUREZAS

BOLHAS/AQUA TRANSPIRAÇÃO COMICHÃO

MATERIAL ELÉCTRICO
MONTAGENS E REPARAÇÕES
FORÇA MOTRIZ
TELEFONES
PÁRA RAIOS,
E CAMPAINHAS
LOPES & VALÉRIO, L.D.A.
(ELECTRICITY)
ABAT-JOURS EM ARAME
Rua Nova do Almada, 16
LISBOAFATOS COMPLETOS
E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lá com bons forros desde 159\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00
CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmalta, parafusos, fundos para cadeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

10, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELE 1.000, N. — gramas, FERRAGENS

Companhia dos Caminhos de Ferro

Portugueses

LEILÃO

Em 27 do corrente e dias seguintes, às 11 horas, na estação desta Companhia em Lisboa, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Landana, Cabinda, Zaire, Boma, Noqui, Matadi, Ambriz, Loanda, (Ambrizete e Quinzau com trasbordo em Loanda), Amboim, Nova Redondo, Lobito, Benguela, Cuio, Mossamedes e P. Alexandre.

Para carga, dirigir-se aos escritórios: Em Lisboa, Rua do Comércio, 85. No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

Companhia Nacional de Navegação
Vapor CONGO

Sairá no dia 25 do corrente para Funchal, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Landana, Cabinda, Zaire, Boma, Noqui, Matadi, Ambriz, Loanda, (Ambrizete e Quinzau com trasbordo em Loanda), Amboim, Nova Redondo, Lobito, Benguela, Cuio, Mossamedes e P. Alexandre.

Para carga, dirigir-se aos escritórios:

Em Lisboa, Rua do Comércio, 85. No Porto, Rua da Nova Alfândega, 34.

Pedras para isqueiros

METAL "AUER", as melhores do mundo. Um milheiro, 250\$00. Por quilos, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boca niágara, dízis 22\$00. Tabos fechados e abertos, tampões, vidraça, etc., achando-se na referida Repartição nota circunstanciada de tudo o que há para vender! realiza-se no novo Armazém situado no fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, conservatório pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, de frente ao gradeamento.

Lisboa, 6 de Julho de 1925.—Pelo Director Geral da Companhia, Greenfield & Melo.

LEILÃO DE PENHORES
R. A. M. Alegrete, 30

Definitivamente a 20 do que esteja em atrazo.

na noite imediata ao passe de arras, vi Mahiet montar a cavalo para regressar a Paris.

— O senhor viu-o? então é de Beauvois?

— Sim, respondeu Guilherme Caillot. Depois acrescentou, soltando um suspiro: Vamos, esse mancebo morreu; é pena; são raros os que, como ele, estimam Jacques Bonhomme.

E após um momento de silencio:

— E o que hei de fazer para falar a Marcel?

— Seguir-me ao convento dos Franciscanos aonde, depois do entero, deve dirigir-se o preboste dos mercadores para falar ao povo. Venha comigo.

— Caminhe, disse Guilherme, que eu o sigo.

— Venha, sairemos pela porta da Concheira: é o caminho mais curto.

O velho aldeão caminhava silenciosamente ao lado de Rufino que quiz arrancar-lhe algumas palavras sobre o fim da sua viagem; mas o servo ficou silencioso.

Sairá pela porta de São Diniz, seguindo pelos arredores, muito menos concorridos do povo. Guilherme e o seu guia acabavam de desembocar da rua Travesseira para entrar na rua Montmartre extramuros, quando ouviram ao longe os lugubres cânticos que o clero psalmodia nos enterros e de vez em quando sentiam-se os sons lastimosa dos clarins. A este ruído em lugar de correr ao encontro do entero, como tinha feito a multidão na passagem do caixão de Perrin Macé, os transeuntes retrogradavam e os moradores da rua fechavam as suas portas.

— Com os diabos! disse o estudante, o caso serve-nos as mil maravilhas: acaba de ver honrar pelo preboste e pelo povo as cinzas de Perrin Macé; agora vai ver honradas pelas regentes e pela corte. Venha, veja; sem dúvida que o cortejo torna a levar o caixão para o convento dos Agostinhos.

E o estudante apressando o passo, seguido do aldeão e de mais alguns curiosos, dirigiu-se para o ângulo da rua Montmartre e da rue Choque Heron, em

frente da qual se via a entrada do convento dos Agostinhos, de que se abriram as portas para receber o caixão.

— Veja, disse o estudante a Guilherme, nada mais significativo do que o contraste que oferecem estes dois enterros: o de Perrin Macé chamava um povo imenso, grave, reconcertado na sua justa indignação; ao entero de João Baillot, assistem o regente, os principais seus irmãos, os cortezãos, e os oficiais ou servidores da casa real; mas não se vê povo!... Não! não, há um vacuo nesta manifestação real arremessada como um desafio à manifestação popular. Diga-me se o aspecto mesmo destes dois enterros não fala aos olhos de todos? Ao entero de Macé assistia uma multidão numerosa de burgueses, artistas, simples e pobrem vestidos; no entero de João Baillot vê um punhado de cortezãos, de oficiais ou de servos esplendidamente vestidos de seda, de veludo, de brocado de ouro e de prata. Por Jupiter! é necessário que o povo tenha muita paciência, que seja muito clemente ou bastante estúpido para se resignar a tal sorte!

Guilherme Caillot, depois de ter ouvido, atentamente, o estudante, cravando nele olhos penetrantes, abanou a cabeça com ar pensativo e replicou:

— Mahiet não me enganava. E depois de uma pausa, acrescentou:

— Mas porque esperam, então, os parisienses? nós estamos prontos, e há muito tempo.

— Que quer dizer? perguntou Rufino.

Mas o aldeão, entregando-se de novo à sua taciturna tristeza não respondeu. O cortejo, neste momento, desfilava; o caixão de João Baillot, coberto com um magnífico pano e precedido de atrautos, e de alcaldes reais, era conduzido por doze criados do regente, raramente vestidos de librés. O jovem príncipe e seus irmãos acompanhados dos senhores da corte, seguiram o caixão, Carlos, duque da Normandia, e regente dos franceses na qualidade de filho primogénito do rei João, naquela época prisioneiro em Inglaterra, tinha, bem como seus irmãos, e a nobreza francesa fugido ver-

gonhosamente na batalha de Poitiers. Este mancebo, que governava então a Gália, contava apenas os seus vinte anos; era débil e pálido, o seu rosto de doente escondeu, debaixo de uma máscara de benigna timidez a obstinação, a perfídia, a malícia, a maldade, vícios odiosos, geralmente raros nos adolescentes que não sejam de raça real. Magnificamente vestido de veludo verde bordado de ouro, cobrindo a cabeça com um capuz preto ornado de pedras preciosas e de plumas, o regente, magro e abatido caminhava a passos vagarosos, encostado a uma bengala. Em pouca distância de él iam os principais seus irmãos, em seguida os senhores da sua corte; entre estes, o marechal de Normandia, que por ordem do jovem príncipe, tinha presidido à execução e ao suplício de Perrin Macé. O marechal e o senhor de Conflans, outro conselheiro válido do regente, ambos soberbos, arrogantes, lançavam, sobre os raros espectadores do cortejo, olhares de desprezo e de ameaça e trocavam algumas palavras em voz baixa com o senhor de Gharny, cortezão não menos estimado do príncipe quanto detestado do povo.

De repente Rufino Quebra Tudo sentiu que Guilherme Caillot lhe agarrou bruscamente na mão e que lhe dizia, com os olhos fitos, brillantes e o peito arquejante:

— Olhe...; eles ali estão ambos! o senhor de Nointel! e o outro, o cavaleiro Gerardo de Chaumont!... Oh! ali estão ambos com os seus capuzes escarlates, lá ao longe ao pé de um homem gordo que se cobre com um manto de armínho!

— Sim, sim, bem vejo os dois, replicou o estudante, surpreendido da comoção do aldeão; mas porque treme desse modo?

— Na terra julgaram-nos mortos ou prisioneiros dos ingleses, replicou Guilherme; felizmente não sucedeu assim... Ali estão... ali estão... vi-os com os meus próprios olhos!...

Depois, com os lábios contraídos por um sorriso feio, o servo acrescentou, levantando as mãos para o céu.

Livraria de A BATALHA

Obras de literatura, ciência e ensino

Rac e Humanas (2 vol.)... 30\$00
O Brasil e as Colônias Portuguesas... 15\$00
Cartas Peninsulares... 15\$00
Sistema dos meios e lições religiosas... 15\$00

Orlando Marcal... 15\$00
Agus clássicas... 6\$00
Imagens de Sônia... 1\$00
Spencer... 8\$50
Di Educação (broc. 5\$00) encad. 8\$50

</div

A BATALHA

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Na "Voz do Operário"

O feitiço contra o feiticeiro

Quando a comissão sindicante, nomeada em virtude dum despacho do ministro do Trabalho, para administrar e sindicar A Voz do Operário, terminou o seu mandato, os «videirinhos» de quem a mesma comissão tinha sido o pavor, não só por terem com situações escandalosas, como pela enorme quantidade de «metralha» com que tinha ficado habilitada a esmagar os inéptos e desastrados ex-administradores da Sociedade, tiveram, radiantes por verem essa comissão moralizada pelas costas, a desastrada ideia de apresentarem à assembleia geral um documento a que deram o nome de relatório, cheio de falsidades e insinuações, no intuito de colocar mal quem tanto tinha engrandecido essa instituição.

Esse falso relatório foi dado para ordem dos trabalhos e sobre a sua discussão iniciou, como era natural, a atenção daqueles que, ultimamente têm seguido com interesse os acontecimentos.

Como tivesse que se resolver outros assuntos de urgente e imediata discussão como fossem: a reclamação do tipógrafo Fernandes Alves que pretendia receber dois meses de ordenado como redactor, de que tinha sido dispensado pela comissão sindicante, embora tivesse continuado a receber como tipógrafo; a reclamação da ex-representante Deglinda Salgueiro Lopes, que também queria ser indemnizada e readmitida no seu cargo, que aliás só exercia... para receber o ordenado no fim no mês; a discussão dos orçamentos suplementar e ordinário, etc., etc., no que se consumiram perio de 14 sessões, fui essas discussões adiada, e uma vez arrumados os assuntos referidos, foi marcado o dia 25 de Junho para prosseguimento da discussão. Ora convém frisar que com essa era a 3.ª sessão para discussão do assunto, pois que a 1.ª hora toda ocupada pela exposição feita pelo secretário da sindicância, que ainda ficou com a palavra reservada para a 2.ª, em que começou seguidamente falando outro membro da mesma comissão, José Maria Gonçalves que na referida 3.ª sessão concluiu o seu discurso.

De calcular seria que—visto os «ostros» espalharem a incompetência da comissão sindicante e pregoarem os «escândalos» da mesma, os factos apresentados pelos dois referidos sindicantes, e que, diga-se de passagem, tão a escorrer sangue os deixou, isto sem embargo do muito que ainda têm, eram perseguidos e encarcerados os operários, por causa de simples movimentos grevistas e sempre, sem outro fim, que o da estrangulação destes últimos...

Em face da indiferença, tentará desparar o espírito crítico, de observação, que presidiu sempre às lutas passadas; multiplicar os seus esforços tendo em vista uma melhor educação sindical racional, compreendendo nisto a ação directa, no plano económico.

Em face do «chômage» criado artificialmente pelo patronato, desenvolverá o seu campo de ação pela aplicação integral das 8 horas, salários elevados, pelo controlo sindical e pela socialização dos instrumentos de trabalho em benefício exclusivo dos produtores.

Em face dos partidos políticos e seitas filosóficas, aplicará fielmente a resolução de unidade votado no Congresso de Líao.

Em face das guerras coloniais, fará um apelo às mães, aos soldados e a todos os trabalhadores para se levantarem contra as guerras, que não são mais do que restos da barbaria dos povos chamados civilizados.

Em face do ilogismo de todos os que fabricam e transportam munições de guerra, afirmando o seu desejo de paz, nos lhes gritaremos o nosso protesto.

A pesar de todas as dificuldades, que se levantam perante nós, contamos que todos os rapazes da Construção Civil se colocarão a nosso lado para realizar a tarefa civilizadora do movimento social.

Agora ao trabalho, confiança na ação e vida a velha Federação da Construção Civil.

Os secretários: Boisson, Barthe.

A declaração do novo Conselho Federal

O X Congresso afirmou-se por uma moção, que determina, mas uma vez, a nossa posição no movimento sindical e revolucionário.

Preocupados com a tarefa a realizar, nós fazemos um apelo todos os militantes em destaque ou obscuros, para que façam sair do caos a velha Federação da Construção Civil, o último reduto do sindicalismo revolucionário.

Em oposição à demagogia, contra o pessimismo, ele trabalhará por reconquistar a confiança de todos os camaradas, e reagrupar todos os elementos sindicais para continuar a luta de classe, até à desaparição completa do salário.

Em face da indiferença, tentará desparar o espírito crítico, de observação, que presidiu sempre às lutas passadas; multiplicar os seus esforços tendo em vista uma melhor educação sindical racional, compreendendo nisto a ação directa, no plano económico.

Em face do «chômage» criado artificialmente pelo patronato, desenvolverá o seu campo de ação pela aplicação integral das 8 horas, salários elevados, pelo controlo sindical e pela socialização dos instrumentos de trabalho em benefício exclusivo dos produtores.

Em face dos partidos políticos e seitas filosóficas, aplicará fielmente a resolução de unidade votado no Congresso de Líao.

Em face das guerras coloniais, fará um apelo às mães, aos soldados e a todos os trabalhadores para se levantarem contra as guerras, que não são mais do que restos da barbaria dos povos chamados civilizados.

Em face do ilogismo de todos os que fabricam e transportam munições de guerra, afirmando o seu desejo de paz, nos lhes gritaremos o nosso protesto.

A pesar de todas as dificuldades, que se levantam perante nós, contamos que todos os rapazes da Construção Civil se colocarão a nosso lado para realizar a tarefa civilizadora do movimento social.

Agora ao trabalho, confiança na ação e vida a velha Federação da Construção Civil.

Os secretários: Boisson, Barthe.

A atitude da federação em face do movimento da unidade sindical

O congresso da federação da construção civil resolveu—no caso em que as duas C. G. T. francesas se uniam no próximo congresso a realizar em Agosto—entrar automaticamente no novo organismo com a condição que esta unidade sindical seja feita na base da Carta de Amiens.

Considerando, além disso, que a ação dos operários organizados economicamente deve conjugar, o congresso recomendou a ligação local e regional com todos os sindicatos autónomos, confederados e unitários.

O congresso dos mineiros franceses decidiu não aceitar a redução de salários, e declarar a greve geral

No congresso dos mineiros franceses realizado em Junho findo em Carmaux, foi resolvido declarar-se a greve geral, no caso em que as companhias mineiras persistam na sua atitude provocadora de reduzir os já magros salários auferidos pelos seus operários.

Foram as companhias da bauxita do Norte, Pas de Calais e Anzin, que primeiro declararam que, em vista da crise económica, deviam obrigadas a reduzir os salários de 40% a partir de Janeiro de 1926. Em seguida, por motivo de intervenção dos poderes públicos, as sociedades fizeram baixar a redução de 40% para 20%.

Como era natural, visto que se tratava de prejudicar trabalhadores honrados, a ideia das companhias do Norte teve imediatamente o melhor acolhimento nas sociedades concessionárias das outras bacias de carvão.

Este facto criou o inevitável descontentamento entre os mineiros, porque eles não sustentam só com ar, assim como suas mulheres e filhos, e por isso o Comité Nacional da Federação dos Mineiros, reunido extraordinariamente em 2 e 3 de Junho iniciou, depois de examinar a situação, resistir formalmente às intenções ferozes das companhias.

O congresso nacional ratificou agora por sua vez a moção votada a este respeito pelo conselho nacional federal, resolvendo declarar a greve geral, se em 27 de Julho de 1926 as sociedades não tiverem desistido dos seus tenebrosos planos.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada "El Hijo de Nadie", de *Frederico Urdiales*. Precio, \$50.—Pedidos à administração de A Batalha.

assim voltar a Sociedade à primeira forma, como se costume dizer, e ainda a eleição do actual tesoureiro, que também é considerado um autêntico «ostra».

E a propósito de «ostras» devemos dizer que era costume tais cavalheiros disserem poucas assembleias que davam, quando «ostras» ainda haviam de deixar muito móbil para quando um dia os sócios auxiliares por ventura tomassem conta da Sociedade, se sacriarem à vontade.

Ora a sindicância provou que, se a orientação não mudasse, a Sociedade viria a ser devorada por tais moluscos, sem agravo nem apelação.

Haja em vista os «desinteressados» serviços prestados pagos com língua de palmo, em ordens de pagamentos, sob a rubrica de «serviços extraordinários» e que juntamente com champagnes e vinhos atingiu em poucos meses a «insignificante» quantia de aproximadamente mil escudos.

O seu preço é: I volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O martirilogio do operariado

Os sindiclistas catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais espanhóis pre-sos nos cárceres de Barcelona, dirigiram ao ditador Primo de Rivera uma carta, da qual, pelos assuntos interessantes que contém, extraímos os seguintes períodos:

«... Os factos não se podem negar, não pode negar-se que Barcelona, tem sido, durante muitos anos, teatro de comógoes e violências muito lamentáveis, as quais seria ocioso recordar agora com detalhes. O que se deve lembrar, porque é de todo a justiça, é que as causas das lutas sociais na capital da Catalunha, identicamente aquilo que aconteceu em outras regiões, não devia ir procurar-se nos meios operários, mas sim nos centros oficiais e em antigos procedimentos usados habitualmente pelas autoridades governativas ao servirem de mediações entre o capital e o trabalho, na falta de injustiça dessas autoridades, na violência sistemática exercida contra os operários e com notório favor para com as classes patronais.

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os elementos sindicais catalães enviam uma carta de protesto ao Primo de Rivera

Os